

Para o PFL, futuro do País será de grandes dificuldades

O cenário econômico que o PFL prevê para o Brasil dentro de seis meses, traçado sem rodeios pelo presidente do partido, Jorge Bornhausen, é de grandes dificuldades, o que obrigará o País a tomar uma providência entre três alternativas: liberar o câmbio, acelerar o programa de privatização, incluindo a venda não só de empresas estatais do setor elétrico, mas também da Petrobrás e instituições financeiras como o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal e, por fim, emitir moeda, permitindo a volta da inflação.

"Não existe milagre: ou libera o câmbio - e não apenas desvaloriza a moeda - ou se faz a chamada "operação desmonte" do Estado, vendendo todas as estatais, ou "rodamos a guitarra" (emissão de moeda) e deixa a inflação voltar", disse Bornhausen. O PFL, segundo ele, opta pela aceleração do programa de privatização, não por uma questão ideológica, mas porque considera este "o caminho menos penoso" para a maioria do povo.

Jorge Bornhausen acha que esse cenário vai se apresentar ainda que o Governo consiga do Congresso a conclusão das reformas em andamento e ainda que sejam aprovados aumentos de impostos, como a CPMF. Estas medidas, na avaliação do presidente do PFL, são imprescindíveis, mas poderão não ser suficientes para promover o ajuste fiscal necessário.

Ruy Baron



Bornhausen: "Três opções"

No tradicional jantar de fim de ano que o PFL oferece ao partido e a jornalistas, Jorge Bornhausen fez estas considerações quando instado a avaliar as perspectivas de 99. Ele, que é o interlocutor do PFL junto ao presidente Fernando Henrique nos entendimentos partido-Governo, acaba de ser eleito senador. Na sua avaliação, Bornhausen recordou o sistema de "cenários nos envelopes" usado por Golbery do Couto e Silva. Considerado um "mago" da política nos governos militares, Golbery dizia que governos têm de estar sempre prontos a apresentar alternativas. "Tem de

ter envelope com o cenário número um, cenário número dois e cenário número três", disse Bornhausen, lembrando Golbery. "No caso atual, eu bem que gostaria de ter o envelope número quatro", disse.

Segundo a análise pefelista, o pior cenário é a opção por emitir dinheiro, permitindo a volta da inflação. "Isso recai sobre os mais pobres e é o mais injusto", disse. A possibilidade de desvalorização cambial ele contesta, lembrando o exemplo do México, em que o governo perde o controle e também pelo fato de que os trabalhadores, de imediato, perderiam entre 20% e 30% de seus salários. A solução mais plausível, portanto, no raciocínio de Bornhausen, é a privatização como forma de equilibrar o caixa e fazer com que o País não dependa mais de recursos externos.

Ao fazer análises do cenário econômico, Jorge Bornhausen diz que não adianta olhar para trás, ao contestar quem o lembrava que o problema brasileiro é a altíssima taxa de juros imposta depois das crises da Ásia e, agora, da Rússia. Mas ele aproveita para fazer elogios ao ministro Pedro Malan. "Ele é sério e o Brasil só está conseguindo sair dessa crise porque tem um ministro da Fazenda sério e respeitado; ele pode até não ser o melhor, mas é sério", afirmou.

CRISTIANA LÔBO

Repórter do Jornal de Brasília